

PIRES, Mário. Campineiro ou campinense?. Correio Popular,  
Campinas, 29 abr. 1972.

# Campineiro ou Campinense?

*Correio Popular*

Mario PIRES

29.4.72

Ilustre escritor de São Paulo, membro da Academia Paulista de Letras, que nos honra com a sua amizade, estranhou, em recente artigo que publicou no "Diário da Noite" da Capital paulista, intitular-se nossa tradicional Academia de Letras, de "Campinense".

Diz que procurou se informar no "Dicionário de Mestre Aurélio" e viu que o autor classifica de "campinense" o natural ou habitante de Campina Grande, na Paraíba e "campineiro" o natural ou habitante de Campinas.

Confessadno absoluta crença na palavra de "mestre Aurélio Buarque de Holanda", prossegue:

"Mestre Aurélio falou, está falado...".

E termina por invocar a sapiência do Conselho Federal de Cultura, para dirimir sua dúvida.

Mas, não é necessário, caríssimo escritor amigo, recorrer aos ilustres conselheiros federais de cultura.

A dúvida pode e deve ser dissipada aqui mesmo na nossa Campinas.

Por isso, procuramos uma verdadeira autoridade no assunto e autor do batismo da Academia, isto é, o que lhe deu a designação de "campinense", o querido confrade, professor e filólogo Francisco Ribeiro Sampaio, filho do ilustrado mestre e saudoso escritor Benedito Sampaio, autor de várias obras consagradas.

Disse-nos ele, em primeiro lugar, que muitas décadas antes da fundação da Academia de Letras, já havia aqui em Campinas, no aristocrático bairro do Cambuí, uma rua, que não lembra o nome, mas em cuja placa, sob o topônimo, podia se ler "filantropo "campinense". Isso já vem aquietar os que enxergam pedantismo na designação "campinense".

Informou-nos ainda o professor Sampaio, que o sufixo "ense" é erudito e o "eiro" é mais empregado na designação de profissões. "Brasileiros", por exemplo, eram os primitivos habitantes que trabalhavam com o "pau brasil".

E, no intuito de esclarecer ao ilustre articulista da Capital, pusemo-nos a campo, a fim de por tudo em pratos limpos de-fi-ni-ti-va-men-te.

Outro confrade nosso, o historiador Celso Maria de Melo Pupo, que procuramos pelo mesmo motivo, informou-nos que seu ilustre sogro, Paulo Alvares Lobo, falecido em 1932, sempre escrevia ou dizia "campinense", ao falar dos moradores daqui.

Ora, nessa época nem se sonhava na cria-

ção da nossa Academia, que só foi fundada vinte e quatro anos depois da morte daquele ilustre cidadão.

Mas, entreguemos o assunto à voz autorizada, à erudição de Benedito Sampaio. E agradeçamos a seu filho, o festejado poeta de "Íntimas Imagens", nosso dileto amigo e confrade Mauro Sampaio.

Pôs-nos ele às mãos o delicioso livro de crônicas de seu ilustre e saudoso pai, intitulado "De Minha Chácara", publicado em 1958. Abramos à página 186, deixando que a pena cheia de florilégios do sensível poeta, nos elucide e encante.

"Está fundada a Academia!

Mas torno a dizer que fiquei satisfeito: estes juízos discordantes servem de apregoar que Campinas não é terra simplória de Maria vai com as outras...".

Mais adiante, assim responde, com extrema delicadeza — atitude, infelizmente, não correspondida por seu opositor — ao cronista que não se conformara com a designação "campinense", através de vários artigos na imprensa da cidade, classificando de pedante o emprego do sufixo "ense":

"Quer o esclarecido cronista que se escreva Academia Campineira de Letras e não Campinense, o que lhe dá a ele a idéia de pedantismo.

Convenhamos que campineiro e campinense dizem o mesmo: diferem quanto ao sufixo, sendo vulgar o nome campineiro; e campinense erudito. Mas quanto ao sentido, dizem o mesmo.

Batizar-se, por exemplo, um açougue, uma padaria, com o nome de Padaria Campinense, Açougue Campinense, talvez possa a muitos parecer sutil e presumido; e entre esses muitos estou a ver se perfila o meu ilustrado cronista. Eu não. Mas não o censuro por isto. "De gustibus...".

Mas a um cenáculo literário, a uma tertúlia de doutos, a uma casa de letrados, a uma academia de eruditos mal não fica uma erudita denominação. E nem colhe o seu último argumento. De feito, diz o meu ilustre amigo: "E digo isso, porque sou brasileiro, e não brasiliense".

Ora, aqui então é que discordamos redondamente. Pergunto: brasiliense é ou não é vocábulo português? Brasiliense significa ou não significa brasileiro? E' só manusear os dicionários da língua para responder com acerto ao perguntado.

Mas o amável articulista quiz talvez pôr na

carta o que lhes não ocorreu à pena, que brasileiro é o termo popular, o de uso perene a moeda corrente; e que brasiliense corre menos, por ser palavra erudita, culta.

Note bem o meu caro cronista que os maranhenses com muito maior razão hão de preferir campinense, porque, coitados! de maneira nenhuma poderão chamar-se maranhenses!

O colunista insiste: "chamem-se campinenses os homens de Campinas (de Goiás) e aqueles que viram a luz em Campina Grande, da Paraíba. Inútil o conselho porque campinenses são os filhos de todas as Campinas, quer queiram quer não queiram, como já disse e redisse.

O Dicionário de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, no verbete "lisboeta", regista: "Lisboeta. De Lisboa (Portugal). O mesmo que lisbonense, lisbonico, lisbonês, lisboês, lisboano, olisiponense, ulissiponense, e alfacinha".

Carlos de Laet, modelo inconfundível da boa linguagem, deixou escrito: "de sorte que durante algumas noites o povo "lisbonense" viu o palco...".

Aí está lisbonense, e o lisboeta não se scandalizou".

E o ilustrado, delicado e paciente professor Benedito Sampaio, pondo um ponto final na polêmica, termina:

"Será preciso pôr mais na carta?".

Interessante como as coisas se repetem. Depois de quinze anos passados desta famosa "briga" em que a erudição e a cultura do saudoso Benedito Sampaio esclareceram meridiana-mente a controvérsia, ela volta, desta vez suscitada por ilustre escritor da Capital.

Em nome de nossa amizade e admiração, quisemos nos documentar fidedignamente, a fim de esclarecer a dúvida do articulista do "Diário da Noite".

Agradecemos, assim, aos ilustres e caros amigos professor Francisco Ribeiro Sampaio e poeta Mauro Sampaio, diletos filhos do autor de "De Minha Chácara" e outras renomadas obras, e ao confrade Celso de Melo Pupo, todos os esclarecimentos importantes.

E serviram, também, para mostrar ao nosso amigo de São Paulo que seu "mestre Aurélio" não é, como pensava, a voz mais autorizada, pelo menos nesse terreno.

Voltando aos sufixos "ense" e "eiro", por acaso os nossos irmãos fluminenses gostariam de serem chamados de... flumineiros?!